

NOVA YORK, EUA, 23 DE OUTUBRO DE 1995

*Senhor Presidente,*

Quero expressar o orgulho do Brasil em ver esta histórica sessão presidida por um representante ilustre de Portugal.

Há cinquenta anos, os delegados que firmaram a Carta de São Francisco tinham esperança de que estavam criando um mundo melhor, em que a paz fosse possível graças a instituições capazes de garantir o melhor espírito de cooperação entre os povos.

A ONU, como toda realização humana, assistiu a sucessos e fracassos. Em sua trajetória, porém, algo de muito importante foi preservado: o sentimento da esperança. E agora é tempo de renová-lo.

O que nossos povos esperam hoje de nós? O que esperam que façamos pela ONU?

Tenho certeza de que a essas indagações a resposta é consensual: que a ONU seja a guardiã serena das normas e princípios que regem as relações entre os Estados, que os faça respeitar, garanta seu cumprimento e assim dê bases sólidas para a ordem internacional.

Que tenha instrumentos eficazes para conciliar partes em conflitos, para preveni-los, bem como para promover formas de desenvolvimento com equidade.

É aspiração de toda a humanidade que a ONU esteja voltada, de forma permanente, para a defesa dos direitos humanos e o combate a todas as formas de discriminação e de tirania.

Senhoras e Senhores, vivemos hoje tempos melhores do que há cinquenta anos. O fim da Guerra Fria liberou a agenda internacional das tensões geradas pelo conflito ideológico e propiciou crescente convergência de valores em torno da democracia, da liberdade econômica e da justiça social.

Abriam-se novos espaços para a cooperação internacional. A série de Conferências que a ONU vem patrocinando, sobre População, Mulher, Direitos Humanos, Meio Ambiente, Desenvolvimento Social, tem como grande tema unificador a busca de padrões dignos de vida para todos os povos e para cada indivíduo. O progresso humano está, assim, no centro do debate internacional.

Além dos temas dessas Conferências, a vida contemporânea renova desafios que merecem a atenção das Nações Unidas.

Devemos trabalhar aqui para superar, no marco complexo da globalização, um quadro persistente de desigualdades sociais e econômicas, que gera desesperança e sentimento de exclusão. Os objetivos do desenvolvimento sustentável não devem ser abandonados.

Devemos trabalhar, igualmente, para que os progressos extraordinários trazidos pela ciência e pela tecnologia se difundam em benefício de todos.

No caso da paz e da segurança internacional, o papel da ONU sempre será insubstituível. Em outros assuntos, ela nos ajudará a pensar juntos, a orientar decisões, a criar padrões novos de legitimidade.

Em todos esses temas, nossos povos esperam de seus governantes que sejamos capazes de um diálogo permanente e orientado por valores verdadeiramente universais, que inspirem as várias instâncias regionais e as nações individualmente para a paz, o desenvolvimento e a cooperação.

Que a ONU seja um foro em que, de forma objetiva, se tratem os problemas concretos da humanidade e, ao concebermos instrumentos para agir, tenhamos uma noção clara do que é possível fazer.

Cada um de nossos países deve contribuir para que a Organização tenha meios materiais para poder cumprir as missões que nós mesmos lhe confiamos.

Não é admissível que as Nações Unidas estejam atravessando sua pior crise financeira precisamente no momento em que seu papel se amplia e em que líderes de todo o mundo se reúnem em Nova York para reafirmar o compromisso com a Carta da ONU.

Vamos ser francos. Nós estamos comemorando este cinquentenário com um sentimento ambíguo, vendo a ONU ser obrigada a procurar expedientes para cobrir os imensos déficits provocados pela existência de um saldo devedor que pode inviabilizar a Organização precisamente quando melhores são as suas perspectivas. É preciso encontrar uma saída duradoura para esse impasse.

Senhoras e Senhores, hoje venho manifestar o compromisso brasileiro de lutar por uma ONU fortalecida e atuante.

Não é um compromisso novo, é um compromisso que consubstancia a história do Brasil nesta Organização. Uma história de participação, de defesa da paz e do desenvolvimento, que nos leva agora a uma disposição de assumir responsabilidades crescentes nas deliberações das Nações Unidas.

Se os tempos atuais afastaram o veto ideológico, não podemos agora ser prisioneiros do imobilismo por “vetos” decorrentes do medo de agir e da falta de vontade política de mudar o mundo para melhor.

Este é o momento de celebrar a reafirmação dos ideais de justiça e paz que, há 50 anos, levaram à criação desta grande obra do espírito humano, que é a Organização das Nações Unidas.

Para esta celebração, o Governo e o povo do Brasil reafirmam a sua disposição de transformar as palavras em atos e de romper a linha tênue que, como disse há pouco, poderia dar a impressão de que a palavra é hipócrita e de que falta ação. Convido-os, pois, à ação e o quanto antes.

Muito obrigado, Senhor Presidente.

